

**DINÂMICAS DA FEIRA ORGÂNICA “DA ROÇA PARA A MESA” EM TEMPOS DE PANDEMIA**

Larissa Sapiensa Galvão Leal[[1]](#footnote-1)

Henrique Carmona Duval[[2]](#footnote-2)

Vera Lúcia Botta Ferrante[[3]](#footnote-3)

**GT 11:** VULNERABILIDADE, ADAPTAÇÃO E RESILIÊNCIA DA AGRICULTURA FAMILIAR

**RESUMO**

Este artigo faz um balanço das ações de um projeto de extensão em agroecologia, por meio do qual foi criada, em 2016, a feira Da Roça pra mesa: alimentos orgânicos e artesanais, no município de Araraquara. Ao passo que atravessamos os diferentes tempos da pandemia de Covid-19, o projeto se reinventou para continuar a cumprir seus objetivos de fomentar a transição agroecológica das famílias assentadas envolvidas e manter a oferta de alimentos orgânicos para os consumidores. Para o levantamento dos dados deste trabalho foram acompanhadas as vendas semanais de cada participante da feira no período anterior à pandemia até o mês de fevereiro de 2022. Vários desafios foram colocados à continuidade da produção, da certificação e da própria feira e do atendimento ao público. As diversas estratégias utilizadas possibilitaram a manutenção da feira e a conquista da confiança dos consumidores antigos e de novos consumidores que encontraram na feira.

Palavras-chave: Produção orgânica; Circuito curto; Logística de entrega; Solidariedade.

**INTRODUÇÃO**

O presente artigo faz um balanço das ações de um projeto de extensão em agroecologia, por meio do qual foi criada a feira Da Roça pra mesa: feira de alimentos orgânicos e artesanais, no município de Araraquara/SP. Ao passo que atravessamos os diferentes tempos da pandemia de Covid-19, o projeto se reinventou para continuar a cumprir seus objetivos de fomentar a transição agroecológica das famílias assentadas envolvidas e manter a oferta de alimentos orgânicos para os consumidores. Vários desafios foram colocados à continuidade da produção, da certificação e da própria feira e do atendimento ao público.

A feira é acompanhada desde a sua criação por membros do Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural (NUPEDOR) da Universidade de Araraquara (UNIARA), que participaram da fundação da feira e permanecem auxiliando na organização dos produtores, nas formações e manutenções das Organizações de Controle Social (OCS’s) que fazem parte da feira, na comunicação com a gestão pública quando se faz necessário, participando ativamente na divulgação da feira e de seus produtos junto aos consumidores.

Para o levantamento dos dados deste trabalho foram acompanhadas as vendas semanais de cada participante da feira no período anterior à pandemia, portanto, até março de 2020, e posteriormente, até o mês de fevereiro de 2022. Foram apresentados valores de vendas em quilos (para hortaliças, frutas, cogumelos e legumes), unidades (para os pães, bolos, biscoitos) ou valores em reais (para os produtores que possuem produtos diversos e não é possível inseri-los em nenhuma das especificações usadas, como no caso dos artesanatos e dos produtos secos).

Dessa forma, serão apresentados os dados das vendas dos produtos comercializados na feira em cinco fases distintas, pois este é um levantamento que vem sendo realizado semestralmente, sendo elas: a fase anterior a pandemia, o primeiro período relativo ao início da pandemia entre os meses de março a agosto de 2020, o segundo período entre os meses de setembro de 2020 a fevereiro de 2021, o terceiro período entre os meses de março a agosto de 2021 e, por último, de setembro de 2021 a fevereiro de 2022. Todos os dados foram fornecidos pelos feirantes aos pesquisadores do NUPEDOR. Também foram extraídos dados existentes no grupo de WhatsApp composto por consumidores, para ilustrar algumas situações citadas neste artigo.

**Um breve histórico da feira**

A feira se apresenta como uma cadeia curta de comercialização de produtos em transição agroecológica. Segundo Darolt (2013), a aproximação entre produtores e consumidores e a reinvenção dos mercados locais são desafios para a criação de um modelo agroalimentar ecologicamente correto. Para o autor, os mercados locais e a comercialização em circuitos curtos associados à agroecologia podem ser a chave para reconectar produtores e consumidores e impulsionar o desenvolvimento local. Outros estudos do grupo de pesquisa e extensão que criou e faz a gestão da feira destacam essa relação produtor-consumidor. Paschoalino (2019), em sua dissertação de mestrado sobre a feira “da roça para a mesa”, verificou que ocorre um forte vínculo entre agricultores e consumidores:

“(…) para além do caráter comercial que ali ocorrem, como trocas de conhecimentos diversos, desde receitas culinárias a práticas de saúde e modos de vida. São trocas e conversas sobre coisas cotidianas e sobre temas e pautas que foram sensibilizadas por meio do próprio ambiente da feira, como é o caso da questão do uso do agrotóxico e da valorização do trabalho camponês” (PASCHOALINO, 2019, p. 61).

Em outra pesquisa, Duval et al. (2018) verificaram que os consumidores voltaram a encontrar na feira alimentos o que não encontravam mais em mercados de varejo, como determinadas variedades de feijão e tubérculos. Alguns consumidores chegavam a adquirir até 70% de seu consumo cotidiano de hortifruti na feira, e os preços, comparando-se com os orgânicos em estabelecimentos de varejo, eram em torno de 58% menor. A feira passou a ser estudada enquanto espaço de sociabilidade entre agricultores e consumidores e como possibilidade de popularizar o consumo de orgânicos em razão dos preços justos.

É importante levar em consideração também o impacto da participação na feira em relação à qualidade de vida dos produtores que, como Benjamim (2017) evidenciou em seu trabalho sobre as feiras de Araraquara, proporciona maior autonomia e simetria, além da melhoria na reprodução socioeconômica. Segundo a autora, quando os feirantes foram questionados sobre a escolha de “fazer a feira”, o discurso mais recorrente foi a melhoria da qualidade de vida da família.

A Feira de produtos “da Roça para a Mesa” teve início em 16 de agosto de 2016. Sua história começa com a criação do Núcleo de Estudos e Extensão em Agroecologia (NEEA) a partir do NUPEDOR, cuja proposta é fortalecer a agroecologia na região. A feira é parte de um projeto de pesquisa e de extensão universitária que priorizou o mapeamento de produtores rurais e investiu em capacitações, envolvendo docentes, estudantes, agricultores e técnicos. A feira foi instalada, inicialmente, no estacionamento da unidade IV da UNIARA e permaneceu neste local até julho de 2018. Nesta primeira fase participaram 14 produtores incluindo hortifruti, produtos de panificação, produtos de compostagem e adubos orgânicos, plantas ornamentais, cogumelos, produtos naturais de limpeza, cosméticos naturais, açaí orgânico e artesanatos (FIGURA 1).

Figura 1: Vista da feira no interior da unidade IV da UNIARA.



Fonte: Arquivo NUPEDOR, 2017.

Uma Comissão composta por produtores, pesquisadores e consumidores, e um Estatuto foram criados para ajudar na organização e direcionamento das diretrizes da feira. Para que a feira pudesse ser caracterizada como “feira orgânica”, foi necessário um maior acompanhamento e registro dos produtores no Cadastro de Produtores Orgânicos – CPO disponibilizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA. Dessa forma, foram criadas as Organizações de Controle Social OCS Orgânicos Bela Vista e OCS Orgânicos Monte Alegre com a participação e auxílio do grupo de pesquisadores NUPEDOR da UNIARA na elaboração dos formulários e documentos necessários para esse tipo de certificação orgânica. Segundo PIZZAIA (2019), Organização de Controle Social (OCS) é uma das maneiras de garantir a qualidade orgânica, disponível aos pequenos produtores organizados em grupo, associação ou cooperativa, com ou sem personalidade jurídica, que cumpram os regulamentos técnicos da produção orgânica.

A partir desse momento a feira passa a ser chamada de Feira de produtos orgânicos e artesanais “Da roça para a mesa”. Desde o início, esta estratégia de criação e organização da feira vem sendo realizada em colaboração com a UFSCar Lagoa do Sino e vem mantendo as condições de certificação participativa dos produtores da OCS Orgânicos Bela Vista e promovendo reuniões e/ou discussões com a comissão organizadora da feira. Outras ações em conjunto são as estratégias de divulgação para ampliação da feira e das novas formas de comercialização na pandemia.

A segunda fase tem início com a mudança do local da feira para a praça da Fonte Luminosa, em parceria com o Departamento de Água e Esgoto (DAAE) de Araraquara (FIGURA 2). Nesse momento a feira contava com cerca de 11 produtores, 6 que permaneceram desde o início da feira e o restante que ingressaram nessa nova fase com outros produtos diversos como queijos, cachaças artesanais, alimentação “fitness”, polpas de frutas, instrumentos musicais, artesanatos em fuxicos etc.

Figura 2: Vista das barracas da feira na praça do DAAE.



Fonte: Arquivo NUPEDOR, 2019.

Em 05/11/2018 foi criado o grupo de consumidores no aplicativo WhatsApp com o intuito de facilitar a comunicação entre os organizadores da feira e os frequentadores, no início com aproximadamente 30 membros. Hoje participam mais de 140 pessoas. Alguns eventos foram organizados no local com o objetivo de tornar a feira um local de troca de conhecimentos e experiências em diversos temas desenvolvidos pelos expositores e profissionais de diferentes áreas convidados pela comissão da feira, como: atividades de compostagem de resíduos domésticos, argiloterapia, aulas de tai chi chuan, contação de histórias para crianças, instrumentos musicais, entre outras atividades abertas para toda a sociedade.

Também foram realizadas atividades de visitação aos lotes nos assentamentos onde são produzidos os alimentos orgânicos comercializados na feira. As atividades foram organizadas pelo grupo de pesquisadores do NUPEDOR/UNIARA, os quais convidaram os consumidores através de redes sociais e também pessoalmente, no espaço de comercialização da feira. Foram entregues panfletos com conteúdo explicativo e esclarecido sobre o funcionamento das Organizações de Controle Social, um pouco do histórico do Assentamento visitado, as principais diretrizes do NUPEDOR, a história da feira e a importância da participação dos consumidores na construção da agroecologia na região, e no fortalecimento do elo produtor-consumidor. Os participantes puderam conhecer de perto o sistema de produção orgânica onde é produzido o alimento que consomem. Também puderam visitar um Sistema Agroflorestal e tirar dúvidas com os produtores.

A feira já chegou a abrigar 30 feirantes, que participaram em diferentes momentos ao longo de sua trajetória. Esse movimento de entrada e saída de participantes é recorrente, e isso pode ser atribuído a diversos fatores como: a inconstância de produtos, considerando a sazonalidade da produção; a dificuldade de transporte dos produtos, principalmente para os produtores dos assentamentos diante da distância e das condições das estradas; a opção por feiras mais próximas do local de produção; problemas de convivência entre os produtores e, o de maior impacto, a pandemia, que é o marco da terceira fase da feira.

**Ações durante a Pandemia**

Em março de 2020 foi determinado o primeiro decreto de contingenciamento do Coronavírus em Araraquara, e em 23 de março o município reconheceu calamidade pública. A princípio, o DAAE impediu o funcionamento da feira no interior da praça. Foram necessárias algumas reuniões com a diretoria do DAAE e com a Secretaria da Agricultura e, a partir delas, foram adotadas medidas imediatas para manter o atendimento presencial seguindo os protocolos de segurança, evitando a contaminação dos feirantes e frequentadores com o novo vírus. Os portões da praça permaneceram fechados, formando uma fila do lado de fora com distanciamento de 2 metros entre as pessoas, com entrada controlada de apenas dois clientes por barraca, sendo obrigatórios o uso correto de máscara e a disponibilização de álcool em gel em todas as barracas.

Com o agravamento da pandemia e o caos instalado nas redes pública e privada de saúde, alguns feirantes preferiram não expor mais seus produtos, permanecendo somente 4 barracas, sendo duas de hortifruti, uma de cogumelos e uma de doces caseiros. A feira se manteve nesse formato até julho de 2020, quando foi decidido durante reuniões com representantes do DAAE sobre a possibilidade de formar um grupo de consumidores entre os funcionários do DAAE para receberem cestas prontas semanalmente. Esta foi uma estratégia para ampliar o número de consumidores da feira, pois muitos funcionários do DAAE não conseguiam frequentar a feira por estarem em horário de serviço. A Diretoria do DAAE autorizou seus funcionários a receberem suas cestas no prédio ao lado da praça onde acontece a feira, às terças-feiras. Formou-se então um grupo específico com 26 participantes para atender à demanda de consumo dos funcionários do DAAE, permanecendo, portanto, três formas de comercialização: Cestas para os funcionários do DAAE, encomendas via WhatsApp para retirada no local e venda direta nas barracas.

Os grupos de WhatsApp, de consumidores da feira e de funcionários do DAAE, especialmente em período de pandemia, foram essenciais para mantermos a comunicação e fortalecer os laços entre os produtores e os consumidores. Nesses grupos são postados semanalmente duas opções para facilitar a relação de consumo: encomendas feitas diretamente com os produtores e encomendas de cestas prontas. Ambas fazem parte do esforço de reduzir o tempo de permanência na feira em razão da pandemia, mas também de garantir maior previsibilidade de venda aos produtores.

Na primeira opção, são postados nos grupos os itens que cada produtor irá expor com os números de telefone de cada feirante. Dessa forma, os consumidores entram em contato diretamente com o produtor e garantem a sua encomenda. Essa estratégia favorece a maior agilidade no momento da compra, com menor tempo de permanência do cliente em cada barraca, evitando aglomerações, sendo uma venda garantida, além de ajudar no planejamento da colheita. Durante o ano de 2020 foram comercializados cerca de 60 kg de hortaliças/semana, 300 kg de frutas/semana, 140 kg de legumes/semana e 18 itens de panificação/semana.

A segunda opção são as cestas prontas, que também são postadas semanalmente nos dois grupos, incluindo hortaliças, legumes e frutas, diversificando os itens toda semana de acordo com a disponibilidade de produtos da época. Em junho de 2020 os valores e a composição das cestas foram formados durante uma reunião realizada na UNIARA entre a comissão da feira e seus feirantes.

Em meados de setembro de 2020 novos produtores procuraram a comissão para fazerem parte da feira. Porém, com o agravamento da pandemia em Araraquara, em 15 de fevereiro de 2021 um novo decreto dispôs sobre a proibição da circulação de pessoas no município, impossibilitando o funcionamento das feiras e também de entregas delivery até o dia 23 de fevereiro de 2021. Os consumidores foram informados sobre as novas regras de entregas dos produtos da feira durante o período de Lockdown por meio das redes sociais.

Nesse período os integrantes da Comissão da feira fizeram inúmeras conversas para discutir sobre as formas de entregas em domicílio, quem faria as entregas, taxas de entrega, valor mínimo de pedido. Muitos contatos com a Secretaria da Agricultura e Abastecimento e com a Defesa Civil também foram necessários para definir as ações da Feira. O decreto foi prorrogado e permaneceu o impedimento da realização da feira até 08 de março.

No dia 24/02/21 foram realizadas 47 entregas em domicílio. Muitas pessoas entraram em contato solicitando a entrada no grupo de consumidores da feira e questionando se haveria abertura para novos pedidos naquela semana.

Na semana seguinte foram entregues mais 45 pedidos nas casas dos consumidores. A média das vendas para os produtores que permaneceram na feira não foi afetada pela pandemia. De acordo com eles, houve uma queda de aproximadamente 40% nas vendas durante o Lockdown, quando ocorreram somente entregas em domicílio, mas o restante do período permaneceu o mesmo volume de vendas.

No dia 5 de março de 2021 saiu o novo decreto liberando a abertura das feiras livres, valendo a partir do dia 8/3. Com o objetivo de solicitar a abertura dos portões na terça-feira (9/3/21) foi contactada a representante do DAAE responsável pelo local da feira, mas o pedido, a princípio, foi negado. Outras novas conversas foram feitas até que houve a autorização para realizar as entregas dos pedidos no interior da praça, sem a exposição de produtos, com as seguintes condições: aferimento da temperatura de todos os que frequentarem o espaço da feira, distanciamento social de 3 metros com marcações no chão, máscaras obrigatórias e álcool em gel disponibilizados na entrada do local e em todas as barracas. Os consumidores foram orientados a realizar as encomendas diretamente com os produtores e as retiradas no local de realização da feira.

A fim de seguir todas as orientações da Diretoria do DAAE foi adquirido o termômetro infravermelho para o aferimento de temperatura, álcool em gel e faixas adesivas para demarcação do distanciamento social.

No dia 9 de março foi autorizada a entrega das encomendas no interior da praça onde acontece a feira, porém, sem montagem de barracas ou exposição de produtos. Com os pedidos já separados por nome e com o valor total da encomenda, cada consumidor era autorizado a entrar para pagamento e retirada. Isso acelerou bastante o processo da compra e diminuiu o tempo de fila, tornando um processo rápido e seguro. No dia 9 de março foram realizadas 81 entregas no local com total de aproximadamente 350 kg de alimentos.

A feira voltou com a exposição de produtos nas barracas em 16 de março, com os portões fechados e controle de entrada de consumidores, aferimento de temperatura, uso de máscaras protetoras e álcool gel.

**Segundo Lockdown em Araraquara**

A feira permaneceu nesse formato de produtos expostos com medidas de controle e proteção até o dia 21 de junho de 2021. O decreto municipal nº 12.600, de 17 de junho de 2021, dispôs sobre a implementação de medidas mais restritivas, de caráter excepcional e temporário, restringindo a circulação de pessoas e a abertura do comércio local. Em fevereiro, o município de 238 mil habitantes foi o primeiro do país a ter [10 dias de confinamento](https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/02/19/araraquara-proibe-circulacao-fecha-bancos-supermercados-e-postos-de-combustiveis-por-60h.ghtml) para conter a doença. Os números de internações, casos e mortes [caíram após as medidas](https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2021/04/22/dois-meses-apos-confinamento-araraquara-tem-queda-74percent-na-media-movel-de-casos-de-covid-19.ghtml)mais restritivas, mas voltaram a crescer em junho, sendo necessário um novo Lockdown.

Mais uma vez produtores e a comissão da feira se organizaram para realizar entregas em domicílio, com o intuito de manter o fornecimento de alimentos aos consumidores da feira. Não foi necessário suspender as entregar, somente transferimos o dia das entregas para quarta-feira. Dessa forma tivemos mais tempo para registrar todos os pedidos e organizar as entregas para um único dia.

Em comparação ao primeiro Lockdown foram menos pedidos para entregas em domicílio. Porém, diferente do anterior, no Lockdown de junho as pessoas estavam avisadas com maior antecedência e puderam organizar suas compras para se manterem por mais tempo. Não estavam há dias com os mercados e feiras fechados e já havia uma expectativa de que fosse somente uma semana sem a feira.

No dia 29/6, houve a liberação de exposição de produtos nas barracas, controle de entrada e todas as outras medidas de prevenção contra a Covid-19, o que se manteve até agosto de 2021. Ainda em junho um novo grupo de produtores orgânicos do Assentamento Monte Alegre foi formalizado como Organização de Controle Social e receberam as declarações de produtores orgânicos através do MAPA. Em 7 de julho eles iniciaram as vendas na feira, com uma barraca da OCS “Pomar” (Produtores Orgânicos do Monte Alegre e Região).

Um novo decreto nº 12.640, de 30 de julho de 2021, que dispõe sobre a reabertura dos parques e áreas de lazer municipais, passou a valer a partir de 1º de agosto. Em 3 de agosto de 2021 foram abertos os portões da praça do DAAE para o público. Medidas de proteção contra Covid-19 como distanciamento social, uso de álcool em gel e máscaras continuam sendo seguidas por todos os frequentadores, mas sem o controle de entrada nos portões da praça.

No dia 17 de agosto foi comemorado o 5º aniversário da feira. Com a abertura dos portões podemos perceber os consumidores mais satisfeitos por poderem transitar pela praça e pelas barracas sem o controle de entrada. Percebemos também que muitas pessoas aproveitam o momento da feira para passear ou mesmo para levar suas crianças para brincarem no parquinho da praça. Em conversa com alguns consumidores foi destacada a maior tranquilidade para permanecer por mais tempo no local da feira, por ser um espaço aberto e amplo, muito agradável, bonito e com opções para diversão das crianças.

**Comparativo de vendas nos diferentes períodos da feira: antes e durante a pandemia**

A seguir foram apresentados os dados das vendas dos produtos comercializados na feira em cinco fases distintas: a fase anterior a pandemia, o primeiro período relativo ao início da pandemia entre os meses de março a agosto de 2020, o segundo período entre os meses de setembro de 2020 a fevereiro de 2021, o terceiro período entre os meses de março a agosto de 2021 e, por último, de setembro de 2021 a fevereiro de 2022.

No quadro 1 foram apresentados valores médios em kg ou valor total de venda por feira semanal praticada no período anterior a março de 2020. Foram considerados somente os produtores que fazem parte desta pesquisa, ou seja, os produtores que fizeram parte da feira no período de pandemia 2020/2021.

Quadro 1: Vendas semanais da feira antes da pandemia em kg ou unidades (média anual de vendas).

|  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Produtores | hortaliças  kg | legumes  kg | Frutas  kg | Caseiros (pães, bolos) unidade | cogumelos  kg | Artesanatos/  produtos naturais  (valores R$) |
| Toninho/  Lu | 40 | 120 | 200 | - | - | - |
| Joaquim | 10 | 31 | 157 | - | - | - |
| Lucas | - | - | - | - | 15 | - |
| Padoka (Jiseli) | - | - | - | 10 | - | - |
| Flávia | - | - | - | 8 | - | - |
| Raízes de Gaia | - | - | - | - | - | R$200,00 |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

No período de março a agosto de 2020, apontado nesta pesquisa como início da pandemia, identificamos uma maior procura por produtos da feira. A média em quilos dos produtos vendidos foi menor, mas se analisarmos o volume das vendas podemos dizer que foi superior ao período anterior, pois não foram comercializados produtos da época das frutas como manga e abacate, que somados eram em média 80 kg/semana. Se considerarmos que nesses primeiros meses da pandemia não tínhamos oferta dessas frutas (pesadas), podemos concluir que houve um volume maior na venda total, pois a maior parte comercializado foi de verduras. No caso do produtor Joaquim, as vendas caíram porque os produtos principais da barraca dele são as frutas, tendo em menor quantidade as hortaliças. Nesse período permaneceram somente quatro barracas na feira: Toninho/Lu, Joaquim, Lucas e Flávia.

Em conversa com consumidores constatamos que, além da busca por produtos mais saudáveis e frescos havia também a preocupação com o local. O fato de estarmos com as barracas dispostas em ambiente aberto, com controle rigoroso de entrada e com as medidas de prevenção adotadas, proporcionava, segundo eles, sentimento de maior segurança e proteção contra o vírus. A possibilidade de encomendar os produtos também foi apontada como maior comodidade e motivo para priorizar as comprar na feira, evitando os supermercados, locais fechados e diminuindo o tempo de permanência durante a compra.

Outro ponto percebido pelos feirantes foi o aumento nas quantidades de produtos que cada consumidor estava comprando. Segundo os feirantes, houve um certo receio de que os estabelecimentos que vendem alimentos fechassem durante Lockdown, então estavam fazendo um certo “estoque de alimentos de emergência”. Isso foi apontado por todos os feirantes.

No quadro 2 a seguir, foram colocadas as quantidades e valores referentes à comercialização dos produtos entre os meses de setembro de 2020 a fevereiro de 2021. A quantidade comercializada de frutas tem impacto direto na média das vendas desse período. Contudo, essa fase inclui as festas de final de ano, quando o movimento da feira tem uma certa queda por conta das férias, quando muitas pessoas estão fora da cidade.

Quadro 2: Vendas relacionadas ao período de setembro/2020 a fevereiro/2021 nas feiras durante a pandemia em kg ou unidades por feira.

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| produtores | hortaliças  kg | Legumes  kg | Frutas  kg | Caseiros (pães, bolos)unidade | cogumelos  kg | Artesanatos**/**produtos naturais(valoresR$) | Produtos secos (arroz, farinhas...) |
| Toninho/  Lu | 60 | 90 | 200 | - | - | - |  |
| Joaquim | 20 | 50 | 55 | - | - | - |  |
| Lucas | - | - | - | - | 15 | - |  |
| Jiseli | - | - | - | 25 | - | - | - |
| Flávia | - | - | - | 5 | - | - | - |
| Raízes de Gaia | - | - | - | - | - | - | 260,00 |
| Gabriel | - | 20 | **40** | - | - | - | 80,00 |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2021.

O quadro 3 mostra a média de vendas realizada pelos feirantes no período entre março e agosto de 2021, incluindo a semana de Lockdown até o período anterior a abertura dos portões da praça onde acontece a feira.

Quadro 3: Vendas semanais (média) da feira na terceira fase da pandemia (de março a agosto de 2021) em kg, R$ ou unidade.

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| produtores | hortaliças  kg | legumes  kg | frutas  kg | Caseiros (pães, bolos) unidade | cogumelos  kg | Artesanatos/  produtos naturais  (valores R$) | Produtos secos (arroz, feijão, farinhas...) |
| Toninho/Lu | 140 | 180 | 115 | - | - | - | - |
| Joaquim | - | - | - | - | - | - | - |
| Lucas | - | - | - | - | 16 | - | - |
| Jiseli | - | - | - | 34 | - | - | - |
| Flávia | - | - | - | 5 | - | - | - |
| Raízes de Gaia | - | - | - | - | - | R$250,00 | - |
| Gabriel | - | 30 | 40 | - | - | - | R$50,00 |
| OCS Monte Alegre | 18 | 56 | 15 | - | - | - | - |

Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

Podemos notar um aumento considerável nas vendas totais dos produtores Toninho/Lu e Jiseli. Os demais feirantes mantiveram a média dos outros anos nesse mesmo período. A OCS Monte Alegre em oito semanas de vendas na feira, já apresentava um aumento de 140% em relação a primeira semana.

Apesar da pandemia, pode-se verificar uma grande procura de novos produtores interessados em participar da feira. Também é importante destacar a persistência dos produtores na manutenção e continuidade da feira.

Quadro 4: Vendas relacionadas ao período de setembro/2021 a fevereiro/2022 nas feiras durante a pandemia em kg ou unidades por feira (após a abertura dos portões).

|  |  |  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| produtores | hortaliças  kg | legumes  kg | frutas  kg | Caseiros (pães, bolos, sucos) unidade | cogumelos  kg | Artesanatos/  produtos naturais  (valores R$) | Produtos secos (arroz, feijão, farinhas...) |
| Toninho/  Lu | 60 | 90 | 250 | **-** | **-** | **-** | **-** |
| Lucas | - | - | - | - | 16 | - | - |
| Jiseli | - | - | - | 42 | - | - | - |
| Flávia | - | - | - | 5 | - | - | - |
| Raízes de Gaia | - | - | - | - | - | R$290,00 | - |
| Gabriel | - | 30 | 30 | - | \_ | - | R$55,00 |
| OCS Monte Alegre | 35 | 120 | 50 | - | - | - |  |
| “Com café” | - | - | \_ | 20 | - | - | - |
| “Confeita Pão” | - | - | - | 12 | - | - | - |
| “O Boom Natural” | - | - | - | 20 | - | - | - |

Fonte: Elaborada pelos autores, 2021.

Quadro 5: Comparação das quantidades (média) de produtos vendidos nos diferentes períodos de 2020/2021.

|  |  |  |  |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| Produtores | Antes da pandemia | Pandemia  (março a agosto 2020) | Pandemia (set/2020 a fev/ 2021) | Pandemia (mar/2021 a ago/2021) | Pandemia (set/2021 a fev/ 2022) |
| Toninho/Lu | 360 kg/semana | 292 kg/semana | 350 kg/semana | 445 kg/semana | 400 kg/sem. |
| Joaquim | 198 kg/semana | 116 kg/semana | 125 kg/semana | - | \_ |
| Lucas | 15 kg/semana | 30 kg/semana | 15kg/semana | 16kg/semana | 16kg/semana |
| Jiseli | 10itens/semana(Padoka) | - | 25 itens/semana | 34 itens/semana | 40 itens/semana |
| Flávia | 8 itens/semana | 8 itens/semana | 5 itens/semana | 5 itens/semana | 5 itens/semana |
| Raízes de Gaia | R$200,00/semana | - | R$260,00/semana | R$250,00/semana | R$290,00/semana |
| Gabriel | - | - | R$750,00/semana | R$700,00/semana | R$720,00 |
| OCS M. Alegre | - | - | - | 89 kg/semana | 205kg/semana |

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022.

**4. Considerações finais**

O motivo apontado pelos produtores de hortifruti sobre as diferenças apresentadas nas vendas entre os períodos estudados (de março a agosto e de setembro a fevereiro) está relacionado à época do ano em que temos maior oferta de produtos com maior volume, especialmente frutas como a banana, a manga e o abacate, e a queda na produção de hortaliças no início das águas. Entretanto, mesmo com as baixas nas produções de início de ano, a feira é apontada como a de maior rentabilidade em comparação às outras feiras que os produtores participam, mesmo em período de pandemia, com indicação, a partir deste trabalho, de aumento contínuo nas vendas das barracas de hortifruti orgânicos.

Durante esse acompanhamento podemos perceber que existe uma demanda muito maior dos consumidores por produtos orgânicos do que é ofertado atualmente na feira “Da roça para a mesa”. A exigência de mão de obra para a produção orgânica é indicada pelos agricultores como a maior dificuldade encontrada por eles para expansão da produção nos lotes.

As intempéries do clima também são indicadas como desfavorável para a manutenção da produção estável para o nível de consumo dos frequentadores da feira. Foram muitas as dificuldades enfrentadas, mas as diversas estratégias utilizadas possibilitaram a manutenção da feira e a conquista da confiança dos consumidores antigos e de novos consumidores que encontraram na feira, além de produtos orgânicos de qualidade e preço justo direto do produtor, também um espaço agradável ao ar livre onde é possível a interação entre os feirantes e frequentadores, com as medidas de prevenção contra a covid-19.

Consideramos que os feirantes carros-chefes da feira (barraca da Lú e do Toninho e da Jiseli), mesmo com as medidas restritivas impostas pela pandemia, aumentaram suas vendas no período e fortaleceram suas relações com os consumidores, que por sua vez não deixaram de comprar os produtos. Ao contrário, foi notável a grande mobilização no grupo de WhatsApp para continuar os apoiando, a exemplo do que mormente ocorre em Comunidades que Sustentam a Agricultura (CSA), quando os consumidores são considerados coprodutores.

A adaptação dos feirantes ao modelo de entrega também foi notável: realização de entrega de mais de 40 cestas em toda a cidade, uma logística difícil de organizar e realizar tendo tão pouco tempo para se preparar. Vale destacar, também, que essas entregas foram realizadas pelo casal Lú e Toninho, mas eles se organizaram com a Jiseli para que fosse possível entregar os produtos dela junto, o que fortaleceu as relações de solidariedade entre eles e deles para com os consumidores, que não deixaram de consumir os alimentos orgânicos durante os dois períodos de lockdown.

Por trás dos números apresentados, ressalta-se a importância da produção orgânica e seu papel na rota da segurança alimentar, o fortalecimento de relações de solidariedade num espaço curto de comercialização, conduzido por produtores que mostram, em sua resistência, a possibilidade de vender a preço justo, sem agrotóxicos, gerando confiança e solidariedade, condições raras em território comandado pela lógica mercantil.

**REFERÊNCIAS**

BENJAMIM, C. V. O fazer a feira: a feira noturna da agricultura familiar de Araraquara-SP como espaço de reprodução social e econômica. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho Faculdade de Ciências e Letras. Araraquara. 2017.

DAROLT, M. R. Circuitos curtos de comercialização de alimentos ecológicos: Reconectando produtores e consumidores. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA L.; VEZZANI, F. M. (Org.). Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura. Curitiba: Kairós, 2013, p. 139-170.

PASCHOALINO, A. Na contramão da lógica do agronegócio: uma feira de perspectiva agroecológica em Araraquara – SP. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente- Universidade de Araraquara-UNIARA. Araraquara, 2019.

PIZZAIA, L. G. E. A organização de controle social em assentamentos de reforma agrária: um estudo de quatro organizações na região centro-oeste do estado de São Paulo/ Dissertação (Mestrado). Universidade de Araraquara – UNIARA. Araraquara. 2019.

DUVAL, H. C.; SANTOS, A. H. L.; GEMERO, C. G.; FERRANTE, V. L. S. B. Desafios das estratégias de comercialização de alimentos agroecológicos: um relato sobre a feira Da roça para mesa: alimentos saudáveis. Cadernos Agroecológicos, v. 13, 2018.

1. Filiação: UNIARA E-mail:[**lari\_sapiensa@hotmail.com**](mailto:lari_sapiensa@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-1)
2. Filiação: UFSCAR/UNIARA E-mail:[**henriquecarmona@hotmail.com**](mailto:henriquecarmona@hotmail.com) [↑](#footnote-ref-2)
3. [↑](#footnote-ref-3)